

REVIRAVOLTAS NO MERCADO DE FRANGO

Sônia Santana Martins¹

No período de 1990 a 2000, a produção brasileira de carne de frango cresceu 150%, enquanto a de carne bovina cresceu 60% e a de carne suína, 80%. A disponibilidade interna agregada das três carnes aumentou 50% no período, atingindo 200g/habitante/dia em 2000, quantidade suficiente para suprir a necessidade humana de proteína. Não fosse a péssima distribuição de renda do País, onde há 30 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza, cuja ingestão de carne é certamente inferior à disponibilidade média, poder-se-ia dizer que o consumo protéico da população brasileira é ótimo.

O fato de a disponibilidade interna das carnes ter crescido menos que sua produção indica a crescente importância das exportações como destino da carne produzida. A não ser que haja sensível distribuição da renda nacional, a sustentação do crescimento da produção de carnes dependerá, cada vez mais, das exportações. O consumo interno, que em 1990 absorvia 95% da produção total de carnes e 87% da produção de frango, em 2000 absorveu apenas 89% da produção total de carnes e 85% da produção de carne de frango, embora tenha crescido ao longo da década.

Essa necessidade de expansão das exportações para manter o crescimento da produção pecuária não é vista como um problema, uma vez que até fatores sanitários parecem influenciar positivamente nesse sentido. O surgimento do problema da "vaca louca", que a princípio parecia circunscrito à Inglaterra mas logo se manifestou em diversos outros países europeus, favorece a exportação brasileira de carnes, especialmente da carne de frango, que passou a ser mais demandada pelo consumidor europeu, assustado com a possibilidade de contaminação da carne bovina. Também o ressurgimento da febre aftosa, que vem causando grande comoção na Europa, favorece o consumo de frango, pois seu controle reduzirá os rebanhos bovinos, caprinos e suínos nas regiões que optarem pela eliminação radical dos focos de doença, além de restringir as

exportações de carne bovina e suína dos países que optarem por controlar a doença pela vacinação.

As perspectivas de exportação de carne para 2001 eram muito boas, fato confirmado no primeiro quadrimestre. O volume exportado de frango superou em 35% o exportado no mesmo período do ano passado, sendo que a receita obtida foi 52% superior, pois houve melhora no preço de exportação. O crescimento da receita em real foi ainda maior, devido à desvalorização cambial.

O surgimento dos primeiros focos de aftosa no Rio Grande do Sul, porém, perturbou o ritmo de exportação da carne brasileira, afetando inclusive, num primeiro momento, a exportação de frango e até de alguns produtos de origem vegetal. Com o decorrente aumento da oferta no mercado interno, houve redução dos preços de todas as carnes no final de abril e durante o mês de maio. A maior redução foi verificada no preço do frango vivo, que caiu mais de 20%, situando-se em R\$0,85 por quilo, posto granja no interior de São Paulo, na penúltima semana de maio.

A redução de preço do frango vivo, ocorrida também nos demais estados, refletiu-se nos preços de atacado e varejo, mas não estimulou o consumo, que continua retraído. Note-se, porém, que o atual nível de preço ao produtor é superior ao verificado no mesmo período do ano passado e suficiente para cobrir os custos de produção.

A iniciativa brasileira de esclarecer que apenas uma pequena parte de seu território está enfrentando focos localizados de aftosa, e que nessa região os animais contaminados estão sendo abatidos e todo o rebanho regional deverá ser vacinado preventivamente, parece estar surtindo bons resultados. Há a expectativa de rápida normalização das exportações, não só de frango mas também de carne bovina e suína. A não ser que o surto de aftosa se dissemine para outras regiões do País, retomadas as exportações, os preços internos do frango devem se recuperar, pois a disponibilidade interna *per capita* prevista para este ano deve ser inferior à do ano passado.

¹Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

Projetando-se os resultados obtidos nos primeiros três meses de 2001 para o resto do ano, obtém-se produção de 6,16 milhões de toneladas, exportação de 1,10 milhão de toneladas e disponibilidade interna de 5,06 milhões de toneladas. Porém o racionamento da energia elétrica deve, com certeza, afetar toda a cadeia produtiva do frango, reduzindo a produção total para cerca de 6 milhões de toneladas. A restrição ao crescimento da produção deverá afetar mais a disponibilidade interna de que as exportações, devido inclusive à possibilidade de novas desvalorizações da moeda nacional (Tabela 1).

A produção de pintos, cuja oferta está muito ajustada à demanda devido a uma redução do plantel de matrizes ocorrida no ano passado, depende de iluminação durante 16 horas por dia, e as incubadoras não podem sofrer nenhuma interrupção no fornecimento de energia sob risco de morte dos embriões. A energia utilizada na produção de ração e na sua distribuição nos galpões é toda elétrica, o mesmo ocorrendo com os

sistemas de ventilação forçada nos galpões de engorda. Supondo que os setores incubador e matrizeiro disponham de geradores e que só as granjas comerciais sejam afetadas pelo racionamento, mesmo assim a redução de produção pode ser significativa, pois as granjas deverão limitar a lotação dos galpões para compensar o menor uso de ventiladores.

Como a produção de São Paulo e Minas Gerais, que será mais afetada pela crise de energia, destina-se a seus mercados internos, é de se prever que estes passem a ser parcialmente supridos pelos abatedouros do Sul que, além de manter as exportações previstas, poderão ocupar novos espaços no mercado paulista. Como se vê, a crise de energia poderá trazer uma alteração estrutural na avicultura brasileira, muito embora o déficit de produção no Sudeste possa ser menor devido ao aumento do desemprego, também decorrente da crise de energia, que afetará negativamente a demanda interna de carne de frango.

TABELA 1 - Indicadores de Atividade da Avicultura de Corte, Brasil, 1999-2001

Item	1999	2000	2001 ¹
Alojamento de matrizes (mil cabeças)	28.966,0	27.535,0	-
Alojamento de pintos (milhão de cabeças)	3.146,0	3.360,0	-
Produção de carne de frango (1.000t)	5.526,0	5.900,0	6.000,0
Exportação (1.000t)	770,6	900,0	1.100,0
Disponibilidade interna (1.000t)	4.755,4	5.000,0	4.900,0
População (milhão de habitantes)	163,9	166,1	168,3
Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab./ano)	29,0	30,1	29,1
Preço médio anual ao produtor (R\$/kg dez. 2000)	0,94	0,95	0,89 ²

¹Projeção.

²Média referente ao primeiro quadrimestre de 2001.

Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Associação dos Produtores de Pinto de Corte (APINCO), Associação Brasileira de Exportadores de Frango (ABEF) e Instituto de Economia Agrícola (IEA).